

PUCviva

Jornal semanal da APROPUC e da AFAPUC

REDESENHO ADIADO

Na sessão ordinária de 28/11, o Conselho Universitário aprovou a prorrogação do processo de Redesenho Institucional, que deverá ter sua data-limite em 26/3/2008. A concorrida sessão, que teve presença grande de professores e estudantes, começou com discussões sobre o Vestibular.

Ao iniciar o debate sobre o Redesenho, a professora Maura Vêras elenhou as várias unidades que requisitaram o adiamento da votação final (prevista para 12/12). Os conselheiros ligados à Comissão de Redesenho Institucional, Cori, enfatizaram que as mudanças nada tinham a ver com as manifestações estudantis.

Depois de uma prolongada discussão, em que os conselheiros foram instados a declinarem suas opiniões sobre o processo de mudança institucional e sobre a ocupação da Reitoria pelos estudantes (veja matéria nesta edição), o conselho teve de escolher entre duas propostas: a primeira, apresentada pela Cori, previa um novo cronograma para o processo (veja quadro ao lado), retomando as três propostas já apresentadas. A segunda, apresentada pelo estudante Rodrigo de Souza, propunha zerar o processo ora em vigor e formar um congresso dos três setores.

A proposta da Cori teve 23 votos e a do estudante do Centro de Ciências Humanas apenas um. Os conselheiros insistiram também que a Cori deverá editar boletins semanais durante os meses de dezembro, fevereiro e março, informando sobre o andamento dos debates acerca do Redesenho.

Ouvidoria

Outra discussão que deveria ser feita pelos conselheiros dizia respeito ao relatório bianual da Ouvidoria. Dado o adiantado da hora, porém, somente um questionamento foi feito pelo representante do CCH, que acusou o ouvidor de fazer telefonemas aos pais de uma aluna que participou da ocupação da Reitoria. O professor Fernando Altemeyer confirmou o telefonema, dizendo agir em consonância com os estatutos de sua função, que prevêm a proteção dos alunos nesses casos. O professor negou que tivesse mencionado a utilização de drogas por parte dos estudantes. O relatório apresentado foi aprovado com apenas um voto contrário.

O novo cronograma para 2008

11/2 a 29/2 – debates em todos os setores da universidade, organizados e incentivados pela Cori.

10/3 e 14/3 – divulgação da síntese das propostas pela Cori.
18/3 – Prazo final para que a comunidade tome conhecimento das alterações propostas.

19/3 – O Consun deverá tomar conhecimento e fazer sua primeira discussão sobre as propostas.

26/3 – Deliberação final do Consun.

Professores discutem o Redesenho

Na quarta-feira 28/11, em continuidade às reuniões de professores da APROPUC, foi discutida a deliberação do Consun adiando a decisão sobre o Redesenho Institucional para março/2008 e decididos os seguintes encaminhamentos:

- Elaborar um documento contendo uma análise das três propostas de Redesenho Institucional, com o objetivo de provocar a reflexão e discussão entre os professores de questões referentes à universidade, que possam estar presentes em cada uma das propostas e/ou em todas elas. O documento deverá conter duas partes: uma primeira parte histórica, recuperando as discussões e o contexto da Estatuinte de 1982 na PUC-SP e o momento atual em que se coloca o Redesenho Institucional; uma

segunda parte contendo as análises das três propostas para o Redesenho Institucional.

- Manter as reuniões nas próximas três quartas-feiras, dias 05/12, 12/12 e 19/12, às 18 horas na APROPUC, para discussão e análise das propostas, iniciando na próxima semana com a proposta de Redesenho Institucional da Reitoria.

- Em fevereiro/2008, no retorno das férias, divulgar o documento e organizar debates com os professores na entidade. Divulgar junto a CORI os debates organizados pela APROPUC.

- Acompanhar o cronograma da CORI e os debates propostos pelas unidades.

- Organizar um debate com os representantes das propostas do Redesenho Institucional.

PROFESSOR, PARTICIPE DA PRÓXIMA REUNIÃO!
4ª FEIRA, DIA 05/12/2007, ÀS 18H, NA APROPUC

Violência policial exige reação da sociedade

Mais uma vez a Polícia Militar do Estado de São Paulo ataca um movimento social com violência e barbarismo. Foi na reintegração de posse de uma área da União, em Limeira, dia 29, que estava ocupada desde abril por famílias de trabalhadores rurais sem terra. A ação terrorista do Estado não respeitou crianças, mulheres, velhos e deixou mais de vinte feridos com balas de borracha e explosão de bombas, inclusive um dirigente nacional do MST e uma freira da Pastoral da Criança.

Ao longo de 2007 as polícias estaduais – marcadamente a de São Paulo, mas também no Rio de Janeiro, em Pernambuco, no Pará e no Rio Grande do Sul – usaram e abusaram de métodos violentos (semelhantes aos de jagunços, grupos paramilitares e bandos criminosos) para reprimir manifestações sociais de estudantes, professores, funcionários públicos e trabalhadores em geral. Nessa obsessão repressiva e ditatorial, os aparatos policiais – fortemente armados – invadiram universidades, espaços públicos e terras devolutas ou desapropriadas para fins de reforma agrária, simplesmente para manter “a lei e a ordem” e sem medir as conseqüências de tais ações para a organização social e a construção democrática do Brasil.

O despejo de Limeira apenas reforça a reiteração do pensamento das elites dominantes desde a Primeira República, quando as questões sociais eram tratadas como assunto da polícia. O país regrediu aos piores momentos da Ditadura Militar (1964-1985), quando as forças policiais sufocaram durante anos as demandas operárias e populares, as reivindicações estudantis e das classes médias – por democracia, liberdade e respeito aos direitos humanos.

Agora, a violência policial se espalha pelo Brasil afora numa escalada planejada pela “democracia neoliberal” para conter os descontentes, os excluídos, os que teimam em lutar por justiça, igualdade e democracia real para todos. Agora, a violência policial se respalda na vista grossa dos governantes, inclusive do Governo Federal, no olhar complacente da imprensa e dos meios de comunicação, no silêncio covarde da chamada sociedade civil (universidades, sindicatos, associações de classes e outros setores organizados) e na cumplicidade de todos aqueles que se consideram participantes e beneficiários do modelo político-econômico vigente.

Em tais situações, a História insiste no alerta: se não houver uma reação imediata da sociedade para conter e controlar o aparelho repressivo e dar um novo rumo para o tratamento das questões sociais, ainda pagaremos caro por nossa apatia e indiferença. Muito caro.

*Hamilton Octavio de Souza,
Diretor da Apropuc.*

Consun aprova novo exame em fevereiro

Outra decisão importante da reunião de 28/11 do Consun foi a realização de um novo processo seletivo no mês de fevereiro de 2008, para preenchimento de vagas remanescentes.

As vagas para o novo concurso serão anunciadas no mês de janeiro, quando a coordenação do Vestibular terá um panorama mais claro das inscrições na universidade. Os conselheiros também aprovaram que os cursos de Fisioterapia e Gestão Ambiental funcionam mesmo sem atingir o número mínimo de inscritos.

Aumento da procura

De acordo com a Coordenação do Vestibular, houve aumento na procura pela PUC-SP. A universidade apresentou um crescimento de 22% no número de candidatos, registrando 10.766 inscrições. Esses números não levam em conta os candidatos que entrarão na PUC-SP via ProUni. O aumento geral das inscrições no processo seletivo, incluindo as demais instituições de ensino participantes, foi de 25%.

Os cursos mais procura-

dos da universidade foram Medicina, Direito, Relações Internacionais, Jornalismo e Psicologia. A maioria dos cursos apresentou aumento de inscritos em relação ao vestibular anterior – o aumento foi proporcional para todos os segmentos.

Participação dos professores

O resultado surpreendeu à comunidade, uma vez que se acreditava que a procura cairia depois da repercussão na mídia da ocupação da Reitoria pelos estudantes. Para a professora Ana Zilocchi, da Coordenadoria de Vestibulares, alguns fatores explicam o aumento das inscrições: em primeiro lugar, houve um envolvimento maior dos professores nas feiras de divulgação do vestibular e, por outro lado, a estabilidade verificada no ano de 2007 e notícias positivas como premiações da universidade em vários setores, incrementaram a procura.

As provas do Vestibular foram realizadas durante o final de semana. Os resultados começarão a ser divulgados em 19/12/2007.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 - Sala CA 02 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:**

www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Sub-editor: Leandro Diversa

Reportagem: Jaqueline Nikiforos e Filippo Cecilio

Fotografia: Marcelo Rocha e Bruna Campos

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:

Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

O que pensam os conselheiros

No polêmico Consun de novembro, os conselheiros se posicionaram sobre os vários aspectos que envolveram este tumultuado período da PUC-SP. A maioria evitou a discussão sobre a invasão policial do câmpus Monte Alegre, preferindo analisar a ação dos estudantes e as modificações no calendário do Redesenho.

ANA BOCK

Faculdade de Psicologia

“Somos uma comunidade. Tudo o que está entre nós, todas as manifestações, ações e posições que aqui ocorrem não devem ser tomadas como estranhas a nós mesmos. A riqueza de posições trazida por esta maneira de ver exige de nós a crença e o empenho no debate, embate e no diálogo. Exige ainda respeito entre nós. As questões trazidas pela Cori exigem então que, frente a estas considerações, façamos um esforço coletivo para uma retomada do processo do Redesenho, com empenho de todos para que possamos superar falhas que tenhamos tido num primeiro momento”



FOTOS DE BRUNA CAMPOS

ANDRÉA DE MELLO

Representante administrativa – Consultec

“Assinei o documento em apoio à Reitoria porque achei que a manifestação dos estudantes foi um ato de violência. Ela se constituiu num ato criminoso de vandalismo. A polícia não invadiu a universidade, foram os estudantes que a invadiram”

MARIÂNGELA BELFIORE

Fac. de Serviço Social
(presidente da Cori)

“A Cori recebeu pedidos de adiamento e muitas dúvidas, o que demonstra uma certa confusão, e mostra também que a questão não foi suficientemente discutida. Acredito, porém, que não podemos fazer tábula rasa de todo o processo de Redesenho que ocorreu até agora”



MADALENA PEIXOTO

Centro de Educação

“Uma invasão de Reitoria deve ser colocada como último recurso do movimento. Quando os professores e funcionários ocuparam a Reitoria, em 1992, a ação significou o fechamento de um espaço para salvar a instituição. Não considero o que aconteceu agora como um método político conseqüente, por isso assinei o documento. (...) A Cori considerou que o processo do Redesenho foi democrático, com debates nas unidades e elaboração de propostas construídas coletivamente. Apesar disso, setores expressivos da universidade não se envolveram no processo. Por isso optamos pela alteração do cronograma, e não porque houve a invasão da Reitoria”



RODRIGO DE SOUZA

Estudante de História

“A ocupação é um método legítimo. Quem invade a PUC-SP é a Reitoria, a Fundação São Paulo e a polícia. A universidade vive um Estado de Exceção, os estudantes querem barrar o processo de Redesenho para que ele seja mais transparente. Ao aprovar a prorrogação do cronograma, o Consun está cometendo de novo o mesmo erro. Por isso, espero que os conselheiros revoguem esse processo e chamem um congresso onde os três segmentos possam se expressar”



LUIZ CARLOS DE CAMPOS

Centro de Ciências Exatas e Tecnologia

“O Centro de Ciências Exatas e Tecnologia ficou muito afastado do debate sobre o Redesenho. Não temos conhecimento e não fomos informados do que acontece. Os autores de propostas vieram ao câmpus Marquês de Paranaguá e falaram somente com as direções, não com a comunidade. Por isso, espero que se estabeleça um calendário de discussões que contemple o CCET”



Violência da Reitoria contra estudantes ainda repercute

Por conta da enorme repercussão que a movimentação dos estudantes da PUC-SP obteve na sociedade, e pela grande quantidade de manifestações que a APROPUC recebeu com seu abaixo-assinado – que condena a ação da Reitoria ao permitir a invasão da polícia militar –, continuamos a publicar os apoios recebidos.

“Presenciamos en todo el mundo la emergencia de luchas sociales en el campo de la educación que tienen como uno de los principales protagonistas al movimiento estudiantil. Articulados con otros movimientos organizados, en cada realidad nacional, los/as estudiantes dan visibilidad a la lucha por la universalización de una educación de calidad y la democratización de la esfera pública. Consciente de su papel académico y político-organizativo, la ALAEITS se posiciona a favor de la libertad de organización y expresión, de la soberanía y autodeterminación de los pueblos - como en el caso de Venezuela - y al mismo tiempo repudia cualquier acto de violencia u omisión que comprometa la vida y la dignidad de aquellos/as que luchan por una sociedad emancipada. En este sentido repudiamos la actitud de grupos que pusieron en riesgo la vida de la comunidad de la Escuela de Trabajo Social en Venezuela y la invasión policial en la Pontificia Universidad Católica de San Pablo, en la Universidad Federal Fluminense y en la Universidad Federal da Bahía, en Brasil”

Dirección Ejecutiva de ALAEITS

“A Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Londrina manifesta seu total apoio à luta dos estudantes, professores e funcionários da PUC-SP contra as demissões e o ‘Redesenho’ Institucional, e condena veementemente a invasão do câmpus da PUC-SP pela tropa de choque na madrugada do dia 10 de novembro de 2007. Esta ação, ordenada pela Reitoria, fere a autonomia da universidade, respondendo a um movimento político como caso de polícia, pisoteando a via do debate democrático que deve caracterizar o espaço educacional. A Aduel se opõe também a todo tipo de perseguição, ameaças e punições aos estudantes, professores e funcionários que resistem a medidas que desconfigurarão o caráter comunitário, livre, democrático e autônomo da PUC-SP”.

Professor Evaristo Colmán, Presidente da ADUEL – Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Londrina.

“Chega de violência na PUC-SP!

Nós, do Diretório Acadêmico Manuel Bandeira, do Instituto de Artes da Unesp, gestão SINÁpsi-2007, queremos manifestar publicamente nosso repúdio à invasão do câmpus da PUC-SP pela tropa de choque da Polícia Militar, na madrugada do dia 10 de novembro de 2007, e à repressão armada ao movimento dos estudantes. O uso de força policial não tem nenhuma justificativa, nem mesmo diante da ocupação física e simbólica do prédio da Reitoria pelos estudantes. O caminho democrático para a resolução de todo conflito no âmbito da universidade é o do diálogo, da negociação e do entendimento. A força dos argumentos não pode ser substituída pela força das armas. A Reitoria da PUC-SP deveria ter dado o exemplo. Da mesma forma, queremos manifestar nosso repúdio ao processo de ameaças e perseguições políticas contra estudantes, professores e funcionários. Não faz o menor sentido que a histórica Pontificia Universidade Católica de São Paulo, construída na defesa das liberdades democráticas, abrigue agora em seu câmpus políticas autoritárias impregnadas pelo ódio, a vingança e por retaliações pessoais. Chega de violência! Que a PUC-SP consiga restaurar o pacto interno em defesa de uma universidade comunitária, democrática, livre, autônoma e comprometida com as transformações sociais. Chega de violência! Chega de perseguição!”

Leonardo Nicoletti, DAMB - IA-Unesp, Gestão SINÁpsi-2007

“O Conselho Regional de Serviço Social do Estado de São Paulo (Cress SP) – 9ª Região – vem manifestar seu repúdio aos fatos ocorridos no último dia 10 de novembro, quando alunos que acampavam na Reitoria da PUC-SP, na Zona Oeste da cidade, foram obrigados a dei-

xar o local, às 3h da manhã, após a ocupação do local por cerca de 110 policiais militares. A Reitoria da universidade estava ocupada havia quatro dias (desde o dia 5 de novembro) pelos alunos, em protesto contra o processo chamado de “Redesenho Institucional”, feito pela atual gestão, sob o comando de Maura Pardini Bicudo Vêras e do Conselho Universitário (Consun). Historicamente, a PUC-SP é uma instituição orientada por princípios democráticos, postura conquistada já desde um dos períodos mais violentos do país, os chamados ‘anos de chumbo’ da ditadura militar, quando a articulação entre estudantes e professores fixou ali um terreno aberto ao debate e o diálogo. Em 22 de setembro de 1977, quando estudantes invadiram o mesmo prédio, ocorreu a histórica invasão da PUC-SP pelas tropas da polícia, sob o comando do então secretário de Segurança Pública, coronel Erasmo Dias. No local, era realizado o III Encontro Nacional dos Estudantes (ENE), objetivando reorganizar a União Nacional dos Estudantes (UNE), que atuava na clandestinidade. Havia 30 anos, portanto desde 1977, a instituição não se via ocupada por tropas da polícia. O Cress SP lamenta profundamente o fato, ainda que tenha se dado ‘em cumprimento ao mandado de reintegração de posse’ protocolado pela própria direção da universidade, com o fim de retirar os estudantes acampados na Reitoria da instituição. Entendemos que o pleito dos estudantes era – e continua sendo – legítimo, ou seja, participar do processo de ‘Redesenho Institucional’, que provocará profundas mudanças na comunidade acadêmica da PUC-SP, que é formada por professores, funcionários e também pelos alunos da universidade – que, num processo legitimamente democrático, devem ser ouvidos. A postura da Reitoria nega o que há de mais marcante a história da PUC SP: a abertura ao debate democrático”.

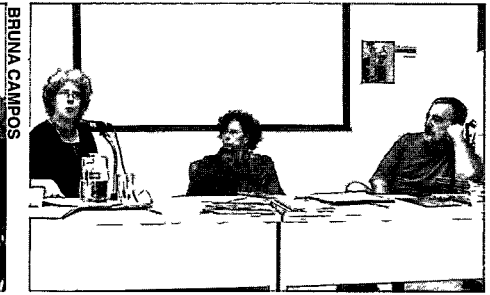
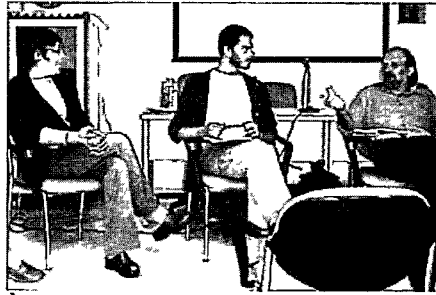
Conselho Regional de Serviço Social de São Paulo (Cress SP).

Meio-ambiente é tema da *Revista PUCviva*

Na terça-feira, 27/11, foi lançado o número 29 da *Revista PUCviva*, intitulado *Terra – Revolta da natureza*, tratando das mudanças climáticas e suas trágicas consequências para o futuro da humanidade. Ao longo do dia ocorreram dois debates, pela manhã e à noite, com a participação de autores de alguns dos textos da revista.

A relevância da publicação fica evidente nas palavras da presidente da APROPUC, Priscilla Cornalbas, durante a abertura do evento: “é uma questão tão importante quanto a luta contra a opressão do homem pelo homem”. O professor Mauricio Broinizi, do Departamento de História e integrante do Grupo ECOS (Grupo de Estudos em Pesquisas Ambientais da PUC-SP), iniciou sua fala criticando o atual estado da universidade brasileira, que para ele “tem se adaptado às correntes hegemônicas e aos padrões de competitividade da sociedade, introduzindo uma lógica agressiva entre seus quadros e alunos”. Segundo Broinizi, o debate sobre a sustentabilidade do modelo civilizatório em que vivemos não está posto nas universidades, antigos redutos de reflexão, crítica e proposta de soluções aos conflitos societários. “A universidade está descolada de toda essa realidade, voltada apenas para sua sobrevivência; e seus integrantes, para o carreirismo”.

O mestrando em Ciências Sociais Ricardo Barreto dirigiu sua fala na tentativa de compreender a polarização existente entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento quando o assunto é o combate às mudanças climáticas nocivas. Barreto comentou ainda a atuação do governo brasileiro frente à questão, e criticou a maneira como vem sendo desenvolvido o projeto de produção de biocombustíveis, que segundo ele, não é sustentável. “O que se pensa em biocombustível e petróleo é lógica econômica com verniz ambiental”, completou o professor Broinizi.



A esquerda, o debate da manhã com a professora Priscila Cornalbas, Ricardo Barreto e Mauricio Broinizi. À direita, a discussão da noite. Na mesa, os professores Marijane Lisboa, Matilde Melo e José Arbex Jr.

Agroindústria X humanidade

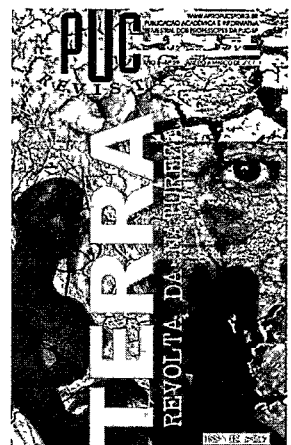
À noite, os professores Marijane Lisboa, do Departamento de Sociologia, e José Arbex Jr., do Departamento de Jornalismo, abordaram o desenvolvimento da tecnologia e da pesquisa voltado para o agronegócio, algo que se traduz de maneira exemplar, hoje, com a pressão das multinacionais pela aprovação dos transgênicos e com a aposta na cana-de-açúcar.

Marijane, que acompanhou de perto a tramitação da nova Lei de Biotecnologia, observa que a inclusão do ponto sobre a pesquisa com células-tronco foi adotada como estratégia para desviar o foco da discussão: a liberação do plantio de grãos transgênicos. Com isso, a Lei de Biotecnologia acabou por ser vista pela sociedade única e exclusivamente como uma questão de pesquisa tecnológica,

relegando os transgênicos ao segundo plano. Até o momento, um dos grãos liberados para o plantio é o milho. Algo que Marijane vê como um grande perigo, pois o milho transgênico não é o mesmo destinado para alimentação. E já que a população rural tem o milho como base de sua alimentação, a possibilidade de existirem mais famintos no país é grande. A professora criticou o governo Lula, por ter cedido a pressões de multinacionais como a Monsanto e a Aracruz.

Arbex também expressou preocupação com a política de favorecimentos ao agronegócio. “Todos os atuais processos tecnológicos do capitalismo, pesquisas voltadas para a agroindústria ou aos transgênicos, têm um único sentido, que não é o ser humano, é o lucro”, observou, ao apontar que hoje a discussão sobre meio ambiente e alimentação é a que melhor manifesta a faceta da barbárie do capitalismo.

A *Revista PUCviva* é uma publicação trimestral que procura abordar em cada uma de suas edições um tema específico. Seus números vêm sendo produzidos, sempre que possível, em conjunto com os departamentos da PUC-SP, que indicam os colaboradores. Já foram lançadas edições em parceria com o Departamento de Jornalismo e com o Comitê de Ética em Pesquisa. A revista sobre o Negro no Brasil contou com a colaboração do Cecafró. O próximo número tratará do tema da violência, em conjunto com o Núcleo de Relações do Trabalho da Graduação. A *Revista PUCviva* tem servido para despertar a atenção da universidade para uma visão crítica dos grandes problemas nacionais e internacionais. Externamente, tem servido a setores da sociedade interessados em debater temas da atualidade.



Nossa deliciosa fábrica de salsichas

*Igual que en la vidriera irrespetuosa
de los cambalaches se ha mezclao la vida
y herida por un sable sin remache
ves llorar la Bíblia contra un calefón.
(Cambalache, Enrique Discepolo)*

Valdir Mengardo

Gostaria de alinhar alguns fatos que, segundo minha tosca impressão, marcam o novo quadro desta Pontifícia, onde trabalho há quase três décadas.

O primeiro desses fatos é um acontecimento nada abonador para minha pessoa. Há duas semanas, no meio de um complicado acompanhamento acadêmico num laboratório de informática, atendi a uma aluna (por dez segundos) ao celular, o que foi motivo de uma reclamação aos funcionários do setor, visto que tal procedimento é proibido naquele laboratório. Irritado, soltei um palavrão, bem redondo, o que me custou um pedido de explicações do ouvidor.

Longe de mim justificar minha atitude, na medida em que ao me exasperar perdi qualquer possibilidade de razão. O que me embatua, porém, é como as relações pessoais nesta universidade estão esgarçadas. É claro que, se o aluno tivesse reclamado pessoalmente, imediatamente eu teria entabulado um diálogo e, provavelmente, me desculpado pela atitude intempestiva. Mas não, hoje as relações entre as pessoas estão cada vez mais distantes, prefere-se a mediação exterior ao coleguismo e à amizade que sempre nos caracterizaram. A Ouvidoria, extremamente necessária em qualquer instituição, cumpre hoje um papel de muro das lamentações, numa relação meramente comercial em que o consumidor tem todo direito de reclamar do produto que lhe é oferecido (e isto independe de quem esteja investido do cargo de ouvidor).

O segundo fato parece não ter relação nenhuma com o primeiro, da mesma forma que os capítulos de *Rayuela*, de Julio Cortázar, parecem

se distanciar, mas se encontram no final. Fiquei estarecido ao ver, nestes últimos e tumultuados dias, professores e funcionários defenderem a invasão da Reitoria pelos policiais. Uma funcionária no Consun chegou a qualificar de criminosa a ação dos estudantes e elogiar os gloriosos PMs que entraram na universidade, sem nenhuma identificação, diga-se de passagem, para salvar a instituição da desvairada invasão. Alguns colegas meus, que como eu também foram presos em 77 neste câmpus, hoje costumam traçar um divisor de águas entre os dois movimentos: aquele anti-ditadura era politicamente correto, enquanto que o de hoje, pelos seus métodos, é inconseqüente. Posso estar enganado, ou a idade estar me enganando, mas em 77 fomos muito mais porra-locas (se me permitem a expressão chula) do que estes nossos queridos alunos. Ensinamos em nossas aulas a distância das análises mecanicistas e, no entanto, tentamos compreender dois movimentos distantes no tempo, do mesmo modo. Nossos professores, como poucos na universidade brasileira, estimulam a rebeldia. No entanto, boa parte deles critica aquilo que se lhes foge à racionalidade (como disse Caetano, aqui no Tuca, em 68, “são os mesmos que vão matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem”). Hoje a Folha de S. Paulo enaltece aqueles “celerados” de 77, que ela tentava ignorar à época, como grandes baluartes do processo de redemocratização. Quem sabe se nos próximos anos, quando formas mais radicais de movimento incendiarem nossa universidade, nossos professores reconheçam que aqueles “malucos” de 2007 até conseguiram, com a sua atuação, mudar o processo de redesenho (Só um parênteses, antes que me esqueça,

também discordei da eficácia dos métodos utilizados pelos estudantes, embora concordando com a justeza de suas reivindicações. Conversei bastante com eles e participei de reuniões entre professores e Reitoria, para que chegássemos a uma solução negociada para a crise).

E aí ligo o computador e viajo pelo site da PUC. Um vídeo muito bem produzido mostra aos potenciais vestibulandos um futuro risonho, dentro de uma universidade anódina, sem muros pixados, onde as manifestações de estudantes e professores passam rapidamente pelos nossos olhos e são lidas sob a ilustrativa vinheta de “passado”.

Infelizmente, os três cenários pertencem à mesma universidade que aprendi a respeitar nestes últimos 30 anos. Meu único consolo é saber que em nosso curso de Jornalismo ainda insistimos em navegar contra a corrente, procurando fugir da prática do ensino mercantilizado e, no meio dos tumultos causados pela ocupação/invasão, fomos premiados pelas nossas atitudes com um abaixo-assinado público, no corredor da Cardoso, no qual nossos alunos declaravam que se orgulhavam de seus professores.

Felizmente nem tudo está perdido e, se cantamos o *Cambalache*, de Discépolo, é porque não queremos ver esta universidade transformada em mais uma fábrica de salsichas, mesmo que tenha o maravilhoso selo de qualidade da Pontifícia Universidade Católica.

Valdir Mengardo é professor do Departamento de Jornalismo.



Agradecemos à Reitoria pelo reconhecimento dos serviços prestados

CA Benevides Paixão

O adiamento da data final para aprovação do Redesenho Institucional da universidade foi uma clara e importante conquista dos estudantes, que teve seu ponto máximo na ocupação das dependências da Reitoria. Entretanto, a manutenção das mesmas estruturas burocráticas decisórias sobre o Redesenho não permite vislumbrar um real cenário de avanços rumo à democratização de todo esse processo. Apesar desse primeiro sucesso, essa protelação por parte do Consun não atende às verdadeiras necessidades da comunidade.

Vale lembrar que toda a discussão sobre a reestruturação estatutária da PUC-SP em momento algum foi democrática, com ampla participação de todos os setores. Enviar e-mails enormes, montar um site e/ou blog e soltar boletins não garante nem possibilita que as pessoas realmente se interessem e participem do processo. Não garante nem mesmo que elas lerão o que está escrito.

As quatro encenações (seria ridículo chamar aquilo de debate...) organizadas pela Cori ao longo do ano não contemplaram as diversas opiniões existentes, pareceram mais um recital de boas intenções. Mesmo a divulgação desses eventos foi feita de maneira parca, não incentivando a participação no debate por parte da comunidade puquiana. Esses espaços, supostamente públicos e democráticos, não serviram de fato para a formulação e sistematização coletiva de propostas. Em que momento as opiniões divergentes foram incluídas ou mesmo consideradas no processo?

Cabe lembrar que a Cori não

considerou todas as propostas que lhe foram enviadas, mas apenas aquelas que “coincidentalmente” apresentaram enorme convergência entre si, com mínimas diferenças pontuais a serem facilmente resolvidas num acordo de comadres. Pergunta: não é antiético que pessoas que fazem parte da Cori, comissão responsável por escolher, sistematizar e aprovar as propostas para o Redesenho tenham seus projetos acolhidos por essa mesma comissão?

O movimento de ocupação criticava justamente isso: a falta de clareza e democracia na condução do processo e a configuração de um grande “entendimento” entre as partes, que prevê um reajuste de cargos e funções, contemplando a todos os asseclas que precisam ser encaixados na nova PUC-SP.

A maior prova do acerto dos estudantes é o reconhecimento público por parte da vice-reitora Bader Sawaia, que declarou – ao microfone – no último Consun do dia 28/11: “Se não fosse essa movimentação não estaríamos discutindo o Redesenho”. Sua fala inclusive desmente a Cori, que afirmou no mesmo Consun ter decidido pelo adiamento do processo por conta dos inúmeros pedidos de esclarecimento que vem recebendo.

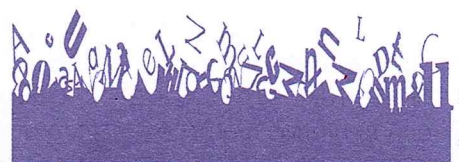
Enganam-se (ou querem enganar os outros) os integrantes da Cori se pensam que esse crescimento de interesse e dúvidas acerca do Redesenho não é reflexo da movimentação dos estudantes. Tudo que está acontecendo na PUC-SP desde o dia 5/11, do aumento do número de e-mails recebido pela Cori à decisão do Consun de só votar o Redesenho em março de 2008, está vinculado à pressão exercida pelos estudantes.

Este Redesenho fecha um ciclo iniciado pela gestão Maura Vêras que, se no discurso defende autonomia universitária, liberdades democráticas e etc., na prática atua de maneira bem diferente. A intervenção da Igreja na gestão universitária, que aparentemente abalou até os mais fiéis, foi coniventemente aceita pela atual gestão e pela maioria cristalizada do Consun.

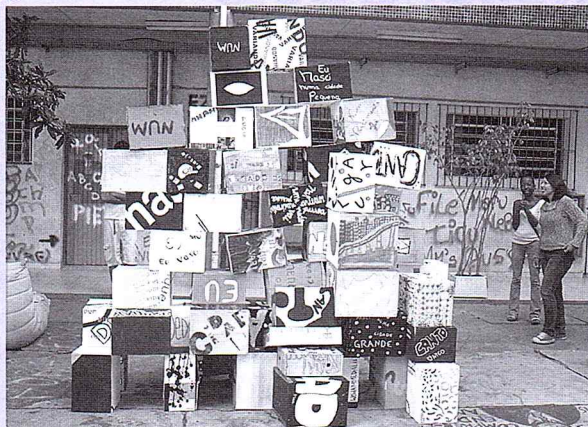
A violência mercantil foi incorporada como lema na PUC-SP. Por conta dela vimos a demissão de 30% do quadro de professores e funcionários, os inadimplentes estão sendo criminosamente expulsos da universidade, as mensalidades continuam abusivas, impôs-se uma ouvidoria surda e inquisitória, as manifestações estudantis sofrem ataques sistemáticos (sem falar da PM...), proibiu-se instrumentos musicais, caixas de som, projetores de filme, cartazes na parede, faixas, etc. Talvez por serem considerados armas com munição ideológica muito potente. Democracia não é imposição de vontades. Diálogo não se faz com repressão.

Por fim, pedimos à prezada Reitoria o favor depositar na conta do CA o valor referente ao serviço de assessoria de imprensa prestado que fez com que as inscrições para o curso de Jornalismo aumentassem. Se precisar de umas dicas, é só dar um toque. Viu como não precisava ter medinho? Nem chamar ex-padres-puxa-sacos-machistas para atacar os estudantes.

CA Benevides Paixão – Gestão Molotov



Rola na rampa



MARCELA ROCHA

Turma de Multimeios exibe seus trabalhos

Estudantes do 3.º ano do curso de Multimeios durante montagem de um exercício na aula de Sintaxe-4, ministrada pelo professor Douglas Canjiani. A proposta da experimentação era criar uma

dinâmica de justaposição dos cubos, reinterpretações que os estudantes fizeram para uma poesia cubista de Wally Salomão. Segundo o professor Douglas, "a idéia do trabalho, que nunca se realizará, é recriar a poesia".

Fundo de Garantia tem novo financiamento

O professor Flavio Saraiya, vice-reitor administrativo, anunciou no mais recente Consun a celebração de um novo acordo entre a Caixa Econômica Federal e a Fundação São Paulo, para parcelar mais

uma vez a dívida da PUC-SP com o FGTS. Pelo novo acordo, a universidade passa a desembolsar mensalmente R\$ 166 mil, em 240 parcelas. Antes, o desembolso mensal era de R\$ 458 mil.

Nova programação na Videoteca

Nesta semana a Videoteca faz a última exibição da mostra *60 anos do Holocausto* e inaugura a nova mostra *CinEcológico*. A primeira procura resgatar parte da história do genocídio executado pelo regime nazista, com filmes de ficção e documentários. Serão exi-

bidos na terça-feira, 04/12, os filmes *Sunshine: o despertar de um século*, às 12h e *Shoah*, às 17h. Já a nova mostra exhibe entre os dias 3 e 7/12 filmes que abordam temas como desenvolvimento sustentável, consumo responsável e preservação ambiental.

Reitoria não abre mão das punições

A despeito das manifestações de centenas de entidades nacionais e internacionais contra a punição de estudantes pelo processo de ocupação da Reitoria, os gestores da universidade prosseguem com os processos judiciais da reintegração de posse. Na se-

mana passada, dois dos três estudantes selecionados pela Reitoria como culpados pela ocupação realizada por mais de 400 pessoas receberam a visita de um oficial de justiça, que entregou-lhes uma intimação. Eles responderão processo cível pelo ocorrido.

Evento debate soluções para educação

O pós em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP está organizando a palestra *As escolas precisam e podem mudar. Como?*, com a participação do professor José Pacheco, da Universidade do Porto. O objetivo do evento é debater idéias e concepções a respeito das políticas educacionais e das inovações nas escolas brasileiras, em especial as públicas. Pacheco é um dos idealizadores da Escola da Ponte, instituição pública de ensino, localizada na Vila das Aves, Portugal. A palestra será no dia 17/12, na sala 134, às 10 da manhã. Informações: 3670-8527.

Professor é nomeado para o IFAC

O professor Luiz Carlos Vaini, do Departamento de Contabilidade, foi eleito *board* (algo como dirigente) do IFAC, o conselho mundial dos contadores, órgão máximo que regula os princípios da profissão. Esse conselho é composto por apenas 21 integrantes, e o professor Vaini é o primeiro brasileiro da história a fazer parte de seu quadro. A nomeação ocorreu no dia 16/11, no México, e Vaini foi escolhido por representantes de todas as partes do mundo. O professor leciona na PUC-SP desde 1972.

Panetones na AFAPUC

Neste ano, a tradicional promoção de panetones da AFAPUC acontece entre os dias 10 e 20/12, na sede da entidade, no corredor da Cardoso, das 9 às 17h. A novidade desta vez é a variedade. De 10 a 14/12, serão vendidos panetones da Bauducco, e

de 17 a 20/12, produtos da Cacau Show e da Casa Suíça. Para os associados, as compras podem ser com pagamento em duas vezes, descontado nas folhas de dezembro e janeiro de 2008. Não associados poderão adquirir mediante pagamento à vista.